

# Aspetos do conceito de pessoa humana em S. Tomás de Aquino (1224-1274)

Bernardo Domingues, O.P.\*

1. Entre os que se dedicaram a analisar a “perspetiva original” de S. Tomás, sobre a temática da pessoa, há os que lhe atribuem a característica de *iniciador*, outros de  *sintetizador* do passado filosófico e teológico e ainda quem o classifique como *seleccionador* das perspetivas antropológicas, filosóficas, sociológicas e de diversas propostas teológicas em voga no seu tempo.

Parece-nos que, estimulado pelo seu Mestre Santo Alberto Magno, foi *inovador* porque conseguiu encontrar uma linha coerente de reflexão, tendo em conta as ciências, a filosofia realista de Aristóteles, os dados da revelação cristã e a experiência séria dos místicos, incluindo a sua.

A metafísica, a teologia trinitária e a cristológica estão presentes em toda a linha de reflexão e proposta doutrinal. E, fiel à pesquisa da memória que o antecedeu, não receou tornar-se profeta e inovador na síntese, amplitude e

\* UCP – Porto.

profundidade metafísica e teológica a partir do ser humano, animal racional e de Cristo Deus e homem, revelador de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. E abriu os horizontes com tal amplitude, originalidade e consistência que a partir dele surgiu o "tomismo" que envolve algumas complexas diferenças entre "tomistas".

2. O seu radical vigor metafísico proposto, especialmente sobre o ser e a analogia, estabelece depois que o ser pessoal é uma originalidade fundante do "eu" e da "relação interpessoal" porque ninguém é alguém sem a perspectiva relacional a nível antropológico, teológico, psicológico e sociológico. Todos diferentes, todos semelhantes e todos resultantes duma relação. Na Trindade, na única unicidade da natureza substancial, existe a relação de Pai, Filho e Espírito Santo: Deus Pai e Criador diz-se no Filho Salvador e no Espírito Santo como fruto de amor expresso do Pai e do Filho. Por analogia objetiva, cada "eu" brota da relação do eu e do tu dos nossos ascendentes e cada pessoa é única mas referida sempre como "eu", "tu" e o "outro" como descendente. Cada "eu" é pessoa, ser em si e por si, mas sempre referido à cadeia de ascendentes e descendentes, fundados na relação "física" ou metafísica.

Na perspectiva psicológica cada pessoa é uma entidade individualizada e, na medida em que for normal e aculturada, é uma identidade original que conhece-se, reconhece-se, avalia-se e diz-se afirmando-se como ser de original relação com os ascendentes, os contemporâneos e eventualmente os descendentes; e tudo implica uma relação própria da espécie humana que se reconhece, estima e estimula desenvolvendo a comunicação, o respeito e a solidariedade, porque todos somos irmãos e complementares. A pessoa envolve pois a vocação de ser comunitário que deve investigar o seu pleno sentido: a causa primeira, o sentido da liberdade e responsabilidade e o significado imanente e transcendente do "telos", do finalismo de ser feliz no tempo e para além dele, respeitando-se e orientando-se como imortal.

3. Como filósofos e teólogos, somos vocacionados para interpretar e avaliar o sentido geral da pessoa, situada no cosmos como ser que interpreta o todo e a originalidade da vocação e da pessoa que, como animal racional com capacidade espiritual, é alguém com "autonomia", "independência", "singularidade", "liberdade", "ciência", e "consciência" avaliativa do que é verdadeiro e justo, do direito e do dever, do mérito e da culpa, como algo que nos é imane e que sugere o Transcendente e a responsabilidade de promover o bem possível no concreto da existência temporal.

Objetivamente e numa perspectiva metafísica e existencial, a dignidade de cada pessoa fundamenta-se na capacidade de ser espiritual, racional e capaz de descobrir os “porquês” e o “para quê” de ser e viver, de “como” se relacionar e organizar a vida pessoal, familiar e cívica com sentido, respeitando as diferenças e promovendo a possível convergência, em vista do bem comum segundo a lei da “proporcionalidade”: cada pessoa deve ser e produzir segundo as próprias capacidades e reconhecendo-lhe o mérito com justiça; os deficientes ou insuficientes devem ser “promovidos” e apoiados segundo as limitações sofridas sem culpa, evitando o “parasitismo” culpado. Todos somos pois um existente original, todos com marca espiritual, capaz de diferente pensamento e de possível decisão responsável.

4. Seguindo Santo Agostinho e Boécio, S. Tomás, em I Sent. Dist. 23-25 e III Sent. dist. 5, insiste que cada pessoa é “alguém distinto, subsistindo numa natureza intelectual”. E marca as três características básicas: numa “totalidade”, numa “singularidade” e “dignidade”, única. É pois uma realidade subsistente em si e por si, com uma natureza racional e original, como uma totalidade completa e significativa. Em Cristo há uma originalidade porque na unidade das naturezas, humana e divina, há uma pessoa, princípio das “operações” de Jesus Cristo, como explica no “De ente et essentia” com pormenor e rigor. A referência básica da pessoa é sempre a metafísica do Ser e o significado de alguém com nome próprio e uma originalidade significativa. E S. Tomás refere que o nome “pessoa” resulta da máscara que os atores gregos usavam para representar alguém e potenciar o som da voz do ator (cf. I Sent. 23, q. 1 a 1).

Mas o mais importante é bem assimilar o conceito subjacente do nome que é o modo peculiar de ser alguém – original, com autonomia, com uma entidade e personalidade, ou seja, um original modo de ser e agir. Isto envolve a combinação integrada da hereditariedade direta, prevalente ou recessiva, o contexto da “idade sanitária” dos pais com as circunstâncias psicossomáticas influentes, as pessoais capacidades do quociente mental, a qualidade da integração familiar e psicossomática como indivíduo. A identidade implica ainda as circunstâncias contextuais da estimulação cultural que envolve as ciências, a ética e a estética com a qualidade da auto-imagem no relacionamento sociológico, com um estatuto e função cívica, com o empenhamento profissional como “pessoa comunitária”, porque resulta dos ascendentes, como mediadores diretos, nasce e socializa-se num contexto comunitário para se assumir como sujeito original, participativo e complementar na vida cívica (ST. I. 13,2 ad 2).

5. A vocação humana integral é pois ser em si, por si e para se assumir como ser em devir, mas imortal pelo princípio animador ou alma, simples e indecomponível. Assim a pessoa é corpo, alma e espírito; como livre e responsável, deve assumir-se progressivamente, ao longo da vida temporal; como consciência ética que descobre a sua causa primeira e última, assim como a dignidade intrínseca imanente à própria entidade de que resulta a responsabilidade e a solidariedade.

Na Suma Teológica I, 29, 3 o autor resume o seu pensamento numa frase lapidar: "Pessoa significa aquela que é a máxima perfeição em toda a criação porque é um subsistente numa natureza racional." Refere que esta é a máxima forma de existir na criação porque é uma "natureza espiritual", completa e subsistente em si e por si, no tempo e para além da morte biológica.

Assim a pessoa é envolvida no ir sendo, no devir temporal; mas é também uma identidade subsistente e definitiva. Por isto cada indivíduo humano, cada pessoa, merece respeito porque tem em si a máxima dignidade enquanto é uma natureza subsistente e definitiva, com um potencial de racionalidade e responsabilidade, por si e com os outros humanos, vocacionados para complementar a solidariedade (S.T. 29, 3 ad 2).

Todavia a palavra "pessoa" tem um valor analógico, segundo a sua aplicação referida aos humanos, à Trindade, ou aos anjos porque são "sujeitos" com diversas estruturas constitutivas e relacionais, embora tenham em comum o significado de "sujeito" e de "relação" no ser e no agir.

6. Recuperando a reflexão anterior sobre a pessoa, sobretudo a partir de Santo Agostinho, S. Tomás insiste "que a pessoa é única, é uma existência incomunicável", "uma hipostase distinta, com propriedade original e especial dignidade" (ST.I, 29,3 ad 2), mas preferindo a definição de Boécio de que cada "pessoa é uma natureza racional numa substância individual". S. Tomás valoriza os conteúdos significativos de "substância", "natureza", "essência", "hipóstase", "subsistência" e respetivo significado teológico e filosófico no contexto em que elaborou o seu pensamento inovador e coerente, a partir da metafísica de Aristóteles que assumiu e sintetizou, envolvendo a perspetiva metafísica e teológica, distinguindo a originalidade da realidade criada e do Criador na base da analogia do que é diferente e semelhante.

7. Porque a distinção entre o semelhante e o diferente exige apurado rigor, S. Tomás insiste que a "natureza racional" – que é aplicável aos humanos, em que há uma vida em movimento, história e mudança, em que entra a

intermitente racionalidade, que em Deus em vez de "natureza" deve aplicar-se o conceito de "essência", sem as características das diferenças dos indivíduos alternantes na variabilidade da vivência do impulso vital, animador e imanente à criação, que atinge a máxima perfeição nas identidades humanas aculturadas. Por isso o vocábulo "racional" é o que mais nos distingue dos animais e plantas. As "pessoas" na Trindade não se equivalem univocamente às pessoas humanas em que há limites, géneros e acidentes, variáveis na "subsistência individual" enquanto em Deus único a substância é única e idêntica e sem "história" (ST. I.29, ad 2), e variáveis na racionalidade, vontade e liberdade; enquanto "racional" ou "intelectual" diferenciam-se nos nossos modos de existir ao longo do arco da vida pessoal temporal.

Nós, os humanos somos pois pessoas com início temporal, com capacidade de "completa subsistência numa natureza intelectual", mas sem variáveis nos modos de ser e agir, ainda que todos com idêntico início e vocacionados para a eternidade enquanto seres em si, por si e com imanente princípio de imortalidade.

**8.** Sobre a pessoa, sem referência ao género, S. Tomás apurou pois um conceito realista referido ao real que se desenvolve e envolve no tempo, o espaço e circunstância naquilo que é metafisicamente comum, que é: *uma totalidade subsistente, única e incomunicável, espiritual, dignidade intrínseca e estruturante, única na criação, aberta à intersubjetividade complementar de ser em si e por si, mas vocacionada para o diálogo e respeito do eu, tu e os outros na vida, na inclusão dos diferentes e complementares.*

Na explicitação dos diferentes elementos integrantes, o autor insiste em alguns aspetos a referir, de modo sintético, neste contexto, mas que merecem aprofundada reflexão e aplicação:

**a.** *A questão da dignidade pessoal comum* é referida de modo insistente e pertinente ao longo dos textos antropológicos e teológicos e também refere os "porquês" da dignidade e respeitabilidade imanente.

Desde a ST I, 29, 1, 2 e 3, De Pot. 9.1, ad 3 e 7,2 ad 9, etc., que deparamos com expressões variadas mas convergentes porque a "pessoa é a máxima perfeição em toda a natureza", a realidade mais apurada que podemos verificar na criação "como uma digníssima realidade" porque aquilo que a pessoa é brota do seu próprio ser, dos seus princípios constitutivos, sem submissão ou dependência submissa a outros seres para ser ela mesma, desde que seja desencadeado o processo comunicativo do ser e da autonomia conseguida.

É que é alguém substancial e consistente como sujeito e não como os acidentes que dependem dos outros. E pode realizar-se como ser racional, gestor de ser em si e por si, com intrínseca vocação de autonomia e dignidade. Sendo uma substância, individualiza-se por si mesma, aplicando a racionalidade e a liberdade na busca do conhecimento causal dos “porquês” do ser e viver com sentido. Assim a pessoa afirma-se pela autoconsciência de ser quem é e pode escolher os métodos para passar à ação por iniciativa refletida.

Entre tudo o que observamos na natureza, a máxima emergência é o ser pessoa aculturada capaz de ciência e de consciência avaliativa. S. Tomás insiste pois na palavra “subsistente” em si e por si, capaz de perguntar e responder, de investigar e conhecer os “porquês” e o “para quê”. E este original modo de ser substância individualiza-se por si mesmo, age por força intrínseca, sendo capaz de ver com verdade, avaliar com ponderação, discernir com critérios de autenticidade, decidir e agir com liberdade e responsabilidade, a tempo e horas. E esta autonomia e dignidade é intrínseca a todas as pessoas da espécie humana, ainda que o seu exercício possa ser relativo e prejudicado por contextos negativos influentes. A pessoa não está sujeita ao determinismo, embora seja limitada e possa ser influenciada, mas é sempre um ser com dignidade intrínseca pela própria estrutura e sentido. O “ser” pessoal é a máxima perfeição, comparado com outras perfeições dos seres criados, porque a participação no ser é a mais plena em termos qualitativos pela estrutura da autonomia e apta para substituir na sua própria entidade para sempre, porque é estruturantemente imortal pelo princípio informador e estruturante da alma, simples e indecomponível.

**b. Outro aspeto marcante da pessoa é a espiritualidade** porque é “racional”, com capacidade para participar no “logos”, pelo facto de ser estrutura de “espírito incarnado”. Todavia, fazendo sobressair a maravilha de “ser espiritual”, só pode exercer essa potencialidade pela mediação indireta dos sentidos, pelo recurso ao que é material que nos condiciona e proporciona esse exercício. Porque chamamos “espiritual” ao que não é material, reconhecemos e experimentamos que somos “animais racionais” e por isso o espiritual passa pela correta utilização dos sentidos corporais.

As substâncias espirituais puras não envolvem o material. E para conseguirmos as ações espirituais os humanos precisam da utilização correta dos sentidos corpóreos para chegar à ação espiritual (De Sp. Creat, 1 e 5). Mas é pela alma espiritual, como forma de corpo, que subsistimos e tomamos consciência de que somos e porque somos, e apuramos os processos de buscar a transcendência na imanência, porque a entidade é a raiz da nossa espiritualidade (De anima 1,1 e 97,3).

Em suma, a nossa “espiritualidade” é condição fundamental para superarmos e bem utilizarmos a matéria, bem como tomarmos consciência de quem somos e porque somos originais e responsáveis no cosmos que habitamos, conhecemos e admiramos, tornando-nos pessoas de orientação espiritual e criteriosa.

9. *S. Tomás aprofunda a qualidade de ser pessoa como uma totalidade original na ordem do ser.* A temática da “totalidade” é unidade composta denominada como “substância completa” e subsistente (I Sent. 23, 1,1 ad 2 ad 4). De facto somos e subsistimos como um todo e só somos gente, “pessoas”, pela unidade substancial do corpo e da alma, e como referência definitiva mesmo para além da morte, porque não há pessoas sem ser a combinação dum corpo e alma que constituem uma originalidade definitiva. Cada pessoa é e será alguém com referência a uma entidade composta de corpo e alma que merece respeito e esforço virtuoso para desenvolver a própria vocação e identidade como totalidade (III Sent. 5 q.1 art 3).

A tese desta substancial “unidade e totalidade” em cada pessoa foi defendida vigorosamente por S. Tomás contra os “espiritualistas” platónicos que defendiam que o ser humano seria uma alma “prisoneira” dum provisório inimigo que seria o corpo. Mais ainda: propunham que o ideal seria as “almas separadas” do corpo, continuando a ser pessoas e seres humanos. A pessoa é pois totalidade pela união substancial do corpo e da alma. E S. Tomás fez a distinção entre “unidade humana” e a “unicidade na Trindade”, fundada na relação intrínseca das três: Pai, Filho e Espírito Santo como expressão entre Pai e Filho, incarnado e o Redentor único da Humanidade.

Recordo-me que na catequese a “senhora catequista” ensinava-nos, sem mais explicações ou implicações, que a alma tinha três inimigos: o mundo, o demónio e a carne. E os Cátaros e o Jansenismo entraram nesta orientação balofa e insensata.

10. *Nesta perspetiva integradora, S. Tomás propõe também que a pessoa se transcenda pela abertura integral ao Ser em si e por si.* Nesta dinâmica, a pessoa, ainda no tempo e circunstância, pode abrir-se à relativa compreensão do Ser total em que participa de modo original. No II CG 55 e 98 insiste que, enquanto substância inteligente, a pessoa transcende-se a si mesma e pode apreender o Ser como um todo, em que também participa; assim é capaz de, pela inteligência e a abstração, superar o tempo, o modo e as circunstâncias que nos envolvem.

Nesta dinâmica de conhecimento abstrato, a pessoa poderá atingir a fonte radical de tudo o que é temporal e provisório e que os "místicos" "normais" experimentam de modo original mas com autenticidade (De Veritate, 22, 4 e 12). Assim a pessoa "lúcida e purificada" percebe as características metafísicas do ser enquanto é uno, verdadeiro, bom e belo. As pessoas normais podem apreciar e identificar estes valores enquanto são conscientes, esclarecidas e crentes coerentes. Aqui se pode verificar a leal e livre abertura da razão que busca a integridade da entidade pessoal enquanto participante consciente no Ser, com a percepção de que é sujeito avaliativo e aberto à comunicação e comunhão e que na fase do provisório poderá intuir a qualidade do que é ser definitivo e feliz.

11. *A problemática da incomunicabilidade da entidade pessoal e da comunhão interpessoal parece revelar dois extremos contraditórios, mas que de facto são complementares.* Na perspectiva de S. Tomás, a pessoa humana, na dimensão do ser, é singular, completa, perfeita e total, cuja entidade e identidade são únicas e irrepetíveis. É pois um indivíduo indivisível, distinto, incomunicável e que não é parte nem é universal; é um todo, um ente original, concreto e autónomo, definitivamente completo, complexo e subsistente, com uma personalidade com características originais e intransmissíveis como tais (III Sent. Dist 5 q.2 a 1.ad 2).

Portanto, cada pessoa tem um selo dela mesma, sendo singular, ainda que cada uma tenha a capacidade própria para desenvolver a sua originalidade a partir da inculturação e da percepção vocacional assumida e respetivos valores tomados como estimuladores de orientação existencial, como direitos e deveres a assumir e partilhar, como apoio complementar e autoafirmação.

É evidente que a existência é sempre individual e singular, mesmo que haja modelos imitáveis mas não sujeitos à reprodução entitativa. Cada singularidade tem raízes diversas e capacidades originais, enquanto todos somos descendentes corpóreos e situados numa família, num tempo e numa circunstância geográfica, de vizinhança, com as respetivas capacidades e limitações. O comum é que participamos no Ser e somos seres em evolução contextualizada por um comum impulso vital universal.

As potencialidades e a passagem a atos, organizados ou não, são obra do sujeito num contexto. Todos apetecem ser e viver com qualidade, mas com diferentes capacidades de seletividade e de organização esclarecida ou contrariada, em relação ao passado e ao futuro. Mas ninguém se comunica a si próprio porque somos incomunicáveis mesmo investindo na imitação do que o outro parece ser. Não comunicamos o ser, mas sim possibilidades de vir a

ser. Nesta atitude relacional não se transmite propriamente o ser identitário, substancial, íntimo e estruturante, mas propõem-se, direta ou indiretamente, processos de comunicação e comunhão em busca da verdade, do bem, da justiça e da solidariedade, como processos de atualizar capacidades, adquirir virtudes ou descair para a mediocridade viciosa.

12. Assim como seres de relação, poderemos superar a solidão e desencadear a comunhão. Esta é a comunicação normal do ser humano que se assume, sem preconceitos, como capaz de bem acolher, dar e receber respeitando as fundamentadas decisões pessoais. A atitude normal é propor a humanização e o respeito sem impor os métodos. É que as pessoas normais devem ser capazes de autonomia responsável e de relação, o que supõe atualizadas formas de saber. Efetivamente, a única forma de poder que nunca é excessiva é a autenticidade, a profundidade e a atualização dos saberes, fonte de humildade, competência e solidariedades efetivas e sadias.

Quanto mais evoluída for a situação pessoal, com consciência apurada de ser em si e por si, maior é a hipótese de desenvolver a existência solidária de abertura aos outros e os cuidados complementares da promoção proporcional do bem comum como o bem maior da comunidade participativa.

S. Tomás insiste que a *pessoa normal e integrada é uma original substância e relação e pela comunicação vai dando e recebendo "complementaridades"*. Esta perspectiva da pessoa radica na metafísica da sua entidade e identidade, com uma estrutura explícita de ser e viver com sentido e ética, a partir da cultura da autêntica liberdade e responsabilidade. Esta conceção ontológica atinge-se a partir da fenomenologia crítica da experiência de ser pessoa e com pessoas, com memória registada e o presente ponderado com capacidade cognitivas, avaliativas e decisórias, com ciência e consciência ética e estética.

Em suma: *a análise crítica da nossa substância numa natureza intelectual que nós somos* leva-nos a bem distinguir coisa e pessoa, natureza e pessoa, físico e espiritual, porque podemos avaliar, racional e experimentalmente, que o ser humano é a máxima referência metafísica da criação, pela qual descobrimos que somos responsáveis envolvidos na complexidade do que vamos sendo.